

PERCEPÇÃO AMBIENTAL SOBRE A CAÇA DE ANIMAIS SILVESTRES: DIFERENTES VISÕES NA CIDADE DE FLORIANO-PI

Aline Barbosa NEGREIROS (1); Fernanda Pinto da SILVA (2); Rogério Nora LIMA(3)

(1 e 2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)/*Campus* Floriano, Rua Francisco Urquiza Machado, 462 - Meladão, 64800-000, Floriano, Piauí, telefone: (89) 3515-2249, fax: (89) 3515-2234, E-mails:

alineb_negreiros@yahoo.com.br (1); knandabio@hotmail.com.br (2);

(3) Universidade Federal do Piauí (UFPI)/*Campus* Universitário Amilcar Ferreira Sobral, BR-343, km 3,5-Bairro Meladão, 64800-000, Floriano, Piauí, telefone: (89) 3522-1768, fax: (89) 3522-3284

E-mail: noralima@gmail.com

RESUMO

Os recursos naturais de caráter renovável com que a natureza nos proporcionou, ou seja, o solo propriamente dito, as florestas, a água, a fauna silvestre, e tantos outros, têm sido impiedosamente consumidos por uma verdadeira exploração predatória. Com isso aspectos relacionados à temática ambiental vêm se tornando um assunto comum e prioritário na sociedade brasileira. Baseado nisso o presente estudo procurou fazer um levantamento de informações sobre a percepção ambiental da população de Floriano-Piauí sobre caça de animais silvestres. Onde através de 142 questionários abertos, foi realizado um comparativo entre a percepção de pessoas com baixa escolaridade (feirantes), estudantes de nível médio e superior. Dentre os resultados obtidos, em todos os grupos (MIT, UMT, UCB e FMC) pode-se observar uma pequena variação de percepções a cerca de todos os questionamentos abordados sobre o tema, quando questionados sobre o animal mais procurado todos os grupos citaram o tatu (*Dasypus spp.*) que encontra-se na lista de animais de extinção. Com isso, torna-se o grande desafio da biologia encontrar um equilíbrio entre o desenvolvimento humano e a conservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Biologia, Recursos Naturais, População, Caça.

1 INTRODUÇÃO

Nos países que possuem florestas tropicais, os animais silvestres são utilizados para diversas finalidades, desde alimentação, atividades culturais, comércio de animais vivos, partes deles ou subprodutos, para diversos fins e possivelmente uma múltipla combinação destes fatores. Os diferentes aspectos culturais de cada população exercem impactos em diversas escalas sobre a fauna silvestre (BENNETT & ROBINSON, 1999).

A exuberância da fauna e flora brasileira há muito tempo vem despertando a cobiça mundial por sua rica e preciosa diversidade de espécies. Essa riqueza gerou a idéia de que a biodiversidade brasileira, além de abundante, era inesgotável e, por isso, vem sendo explorada de forma desordenada e predatória desde os tempos coloniais (Santos & Câmara, 2002). Apesar de ter sofrido esse tipo de agressão, o Brasil ainda é detentor da maior diversidade do planeta, contribuindo com aproximadamente 14% da biota mundial, o que o coloca entre os países dotados de megadiversidade (COSTA et al., 2005).

Entretanto vem sendo observado que os ecossistemas naturais têm sido ameaçados por um conjunto de influencias humanas, principalmente em decorrência de nosso crescimento populacional explosivo (TOWNSEND et.al 2010). Pois a somente algumas dezenas de anos, o Brasil possuía vastos territórios e pouca população, a extração de recursos diretamente da natureza; como a pesca, a caça e o corte seletivo de

árvores não constituíam então uma ameaça tão severa para a sustentabilidade das espécies (PRIMACK; RODRIGUES, 2001). Atualmente as nossas demandas sócias estão em contraposição com os princípios básicos da conservação da natureza, sendo um desafio para a biologia buscar o equilíbrio entre desenvolvimento humano e proteção dos recursos naturais (VILLALOBOS, 2002).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

A lei de proteção à fauna (lei 5.197, de 1967) foi um dos primeiros instrumentos legais de regularização da caça, instituindo a licença de caça e impedido o uso de técnicas que maltratem os animais. Mais importante que isto, a lei de proteção de fauna proibiu o comercio de espécimes da fauna silvestre, cortando um elo da caça ao consumo (PRIMACK & RODRIGUES, 2001). Infelizmente essa lei não vem sendo cumprida.

Com isso percebe-se que os recursos naturais de caráter renovável com que a natureza nos proporcionou, ou seja, o solo propriamente dito, as florestas, a água, a fauna silvestre, e tantos outros, têm sido impiedosamente consumidos por uma verdadeira exploração predatória. Trata-se de uma situação lamentável, para dizer o mínimo. Calcula-se que o tráfico de animais silvestres retire, anualmente, cerca de 12 milhões de animais de nossas matas; outras estatísticas estimam que o número real esteja em torno de 38 milhões (IBAMA, 2010).

Legalmente a portaria nº 118 de 1997 do IBAMA, considera fauna silvestre todos aqueles animais pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, reproduzidos ou não em cativeiro, que tenham seu ciclo biológico ou parte dele ocorrendo naturalmente dentro dos limites do Território Brasileiro e suas águas jurisdicionais.

Nesse contexto, é importante ressaltar que, apesar de proibido pela lei nº 5.197/67, existe um crescente comércio da fauna silvestre brasileira, transformando-se, inclusive, numa das atividades ilícitas mais lucrativas. Resultado imediato: milhões de animais silvestres são mortos pela ganância humana e, em alguns casos, pela desinformação de algumas pessoas que criam bichos selvagens como se fossem animais domésticos (LUSTOSA et al., 2007).

Por isso as diversidades biológica e cultural estão geralmente ligadas, sendo difícil planejar uma política de conservação, sem levar em consideração a dimensão cultural e o profundo relacionamento que existe desde os tempos remotos entre natureza e cultura, salvaguardar a herança natural de um país sem resguardar as culturas que lhes têm dado vida, é reduzir a natureza a algo sem reconhecimento, estático, quase morto (PRIMACK & RODRIGUES, 2001).

Os diferentes aspectos culturais de cada população exercem impactos em diversas escalas sobre a fauna silvestre. As espécies escolhidas, as técnicas de caça, a quantidade e o motivo (finalidade de uso) são aspectos fundamentais para compreender o a forma de uso e grau de ameaça da caça sobre as espécies silvestres (FERREIRA et al, 2007). Sendo responsabilidade do Governo e da Sociedade de forma integrada, a proteção e o manejo no sentido de defender o que é de todos: o patrimônio natural do Brasil, bem de uso comum de todos os brasileiros e garantia para as futuras gerações (IBAMA, 2010).

Conforme declaração do coordenador da Coordenação de Gestão do Uso de Espécies da Fauna, Coefa/IBAMA, Sr. João Pessoa Riograndense Jr.:

“Muito além da importância científica, social, estética e econômica, a fauna silvestre é fundamental para a sustentabilidade dos ecossistemas. Com efeito, é preciso desconstruir e construir pensamentos, com vistas, notadamente, a uma mudança de paradigma, do econômico dominador, para o paradigma ambiental, mais humanizador e socialmente justo. Para isso, tornar-se-á necessária a adoção de algumas diretrizes, a exemplo da educação ambiental” (CAMPANHA NACIONAL DE PROTEÇÃO A FAUNA SILVESTRE, 2008).

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), dentro de suas atribuições de órgão fiscalizador, depara-se com sérios problemas no que se refere ao tráfico de animais silvestres. A vasta extensão do país, aliada à deficiência de recursos humanos e financeiros, entre outros fatores, são apenas algumas das dificuldades enfrentadas para agir de forma mais efetiva de modo a tentar coibir essa prática ilícita tão disseminada no cenário nacional. Atualmente, a fiscalização do IBAMA ganhou em qualidade com a utilização de novas tecnologias, como o sensoriamento remoto e o georreferenciamento.

3 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA

Aspectos relacionados à temática ambiental vêm se tornando um assunto comum e prioritário na sociedade brasileira. Baseado nisso o presente estudo procurou fazer um levantamento de informações sobre a percepção Ambiental da população de Floriano-Piauí sobre caça de animais silvestres, quais os animais mais ameaçados na região.

4 METODOLOGIA

Área de estudo

A cidade de Floriano está localizada na Zona Fisiográfica do Médio Parnaíba, à margem direita desse mesmo Rio, em frente à cidade de Barão de Grajaú Maranhão. A cidade fica a 256 Km da capital do Estado do Piauí, Teresina. “Suas coordenadas geográficas são: 60°46’24” de latitude sul, e 43°00’43” de longitude oeste em relação a Greenwich. Sua altitude: 140 metros. Clima: quente seco, no verão, e úmido na época das chuvas (PREFEITURA DE FLORIANO, 2010).

Por localizar-se no interior do Estado, o município de Floriano apresenta clima tropical semi-árido, com temperaturas entre 29 °C e 37 °C, apresentando o período chuvoso entre os meses de novembro a abril. A vegetação caracteriza-se por um mosaico de transição entre savana e savana estépica com algumas manchas de caatinga (IBGE, 2009).

Coleta de dados

Foram levantados informações sobre a percepção ambiental da caça de animais silvestres com a população de Floriano-PI, através de 142 questionários abertos, onde foi realizado um comparativo entre a percepção de pessoas com baixa escolaridade (feirantes), estudantes de nível médio e superior.

Sendo aplicados 46 questionários com feirantes do mercado central (FMC), 33 com alunos do nível médio integrado ao técnico (MIT), 34 com universitários dos cursos de Matemática e Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (UMT) e 29 com universitários do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UCB) do IFPI- *campus* Floriano, entre os meses de março e abril do ano corrente.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

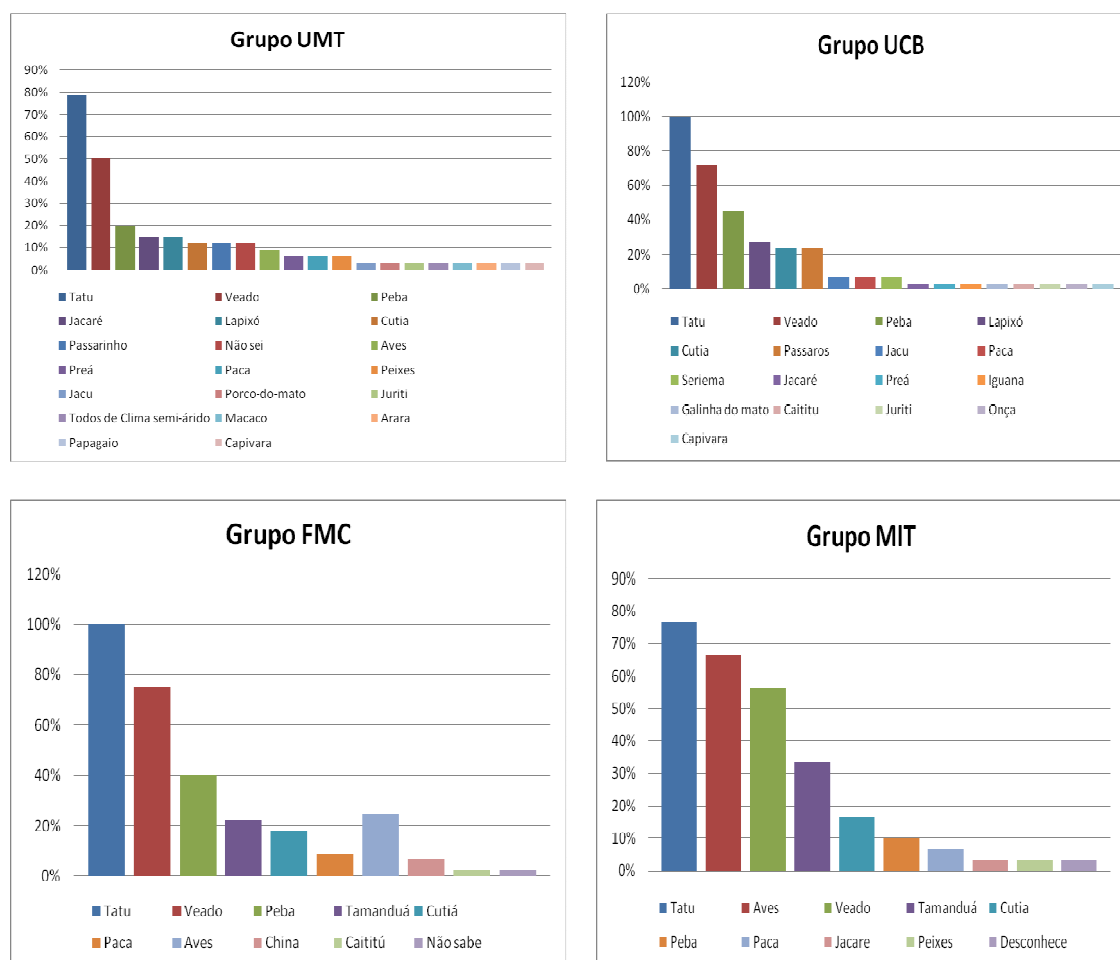
O estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

Quando indagados a respeito da caça de Animais Silvestres na cidade de Floriano, em ambos os grupos pode-se observar que consideram a caça algo comum (Ver tabela 1). Sendo essa constatação reforçada pelos números fornecidos pela RENCITAS, (2001), que o tráfico de animais retira anualmente da natureza cerca de 38 milhões de indivíduos de diferentes grupos de organismos no planeta. Estima-se que o comércio ilícito de vida silvestre, no qual se incluem a flora, a fauna e seus produtos e subprodutos, movimente anualmente de 10 a 20 bilhões de dólares por todo o mundo e que o Brasil participa com cerca de 5% a 15% deste total (Rocha, 1995).

Tabela 1- O que você pode dizer da caça de animais silvestres?

Grupos	É comum	Desconhece	Está diminuindo
MIT	40%	43%	17%
UMT	44%	47%	12%
UCB	65%	24%	10%
FMC	31%	0%	53%

Através das respostas obtidas nos questionários, de forma geral, viu-se que a maioria dos grupos citou como animal mais procurado o Tatu (Ver Gráficos 1, 2, 3 e 4), evidenciando a diminuição desse animal na região, estando o mesmo na lista de animais ameaçado de extinção no Piauí. Bastos et al (2008), ressalta que embora exista no Brasil um conjunto de leis para nortear as ações operacionais necessárias no combate ao tráfico de animais, observa-se a carência de uma política ou mesmo de um plano de ação explícito e direcionado para coibir este tipo de crime.



Gráficos 1, 2, 3 e 4 - Animais mais procurados da região

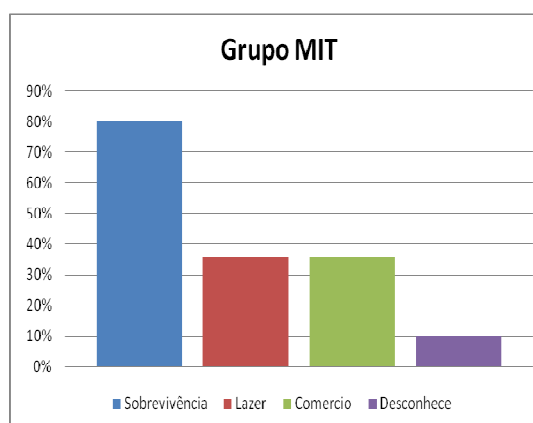
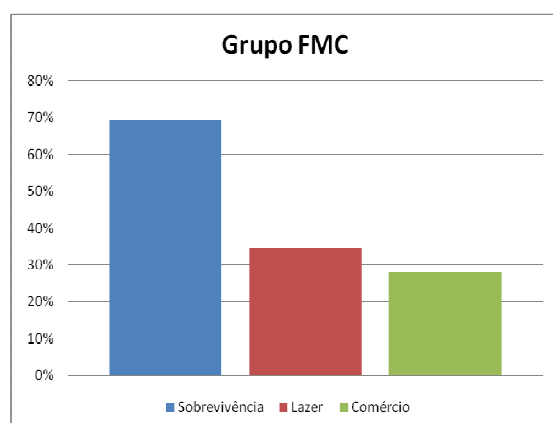
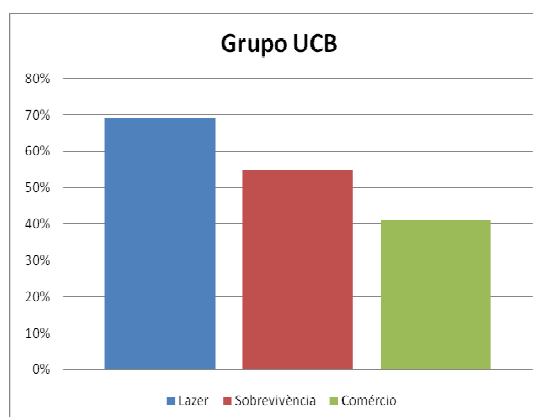
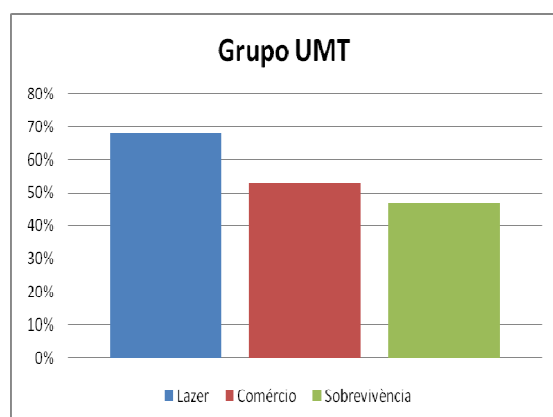
Entre os grupos entrevistados o hábito de consumir carne de caça ocorre em todos (Ver tabela 2), havendo apenas uma variação de tempo de consumo, como pode ser observado no grupo FMC que por ter baixa escolaridade é o grupo que apresenta maior frequência de consumo evidenciando assim uma menor preocupação em relação à proteção do meio ambiente por parte deste grupo. No entanto os outros grupos

apesar do nível de escolaridade, quando somada suas frequências também apresentam níveis altos de consumo. Demonstrando assim que o grau de escolaridade não influencia na percepção sobre os problemas que ocasionam o consumo de animais silvestres para o meio ambiente.

Tabela 2- Frequência de consumo de carne de animais silvestres.

Grupos	Não consome	Raramente	Freqüentemente
MIT	47%	40%	13%
UMT	44%	38%	18%
UCB	69%	10%	21%
FMC	33%	43%	24%

Os Universitários (UMT e UCB) consideram que a importância da caça para os caçadores em primeiro lugar, como sendo uma questão de lazer. Já os estudantes de Ensino médio e feirantes (MIT e FMC) acreditam ser uma questão de sobrevivência (Ver Gráficos 5, 6, 7 e 8). No entanto hoje o Brasil sabe que o tráfico de animais existe e que o mesmo não é apenas uma maneira alternativa e inocente de um cidadão ganhar um dinheirinho extra (GIOVANINI, 2009). Santos e Camara (2002), enfatizam que os principais consumidores dos produtos gerados por esse tráfico são, em ordem de importância: colecionadores particulares e zoológicos; interessados em biotecnologia (biopirataria), responsáveis pelo tráfico de aranhas, escorpiões, serpentes e inúmeras espécies de plantas; interessados em animais de estimação e comerciantes de produtos de fauna silvestre para serem utilizados como material para artesanato e peças de vestuário.



Gráficos 5, 6, 7 e 8 – Importância da caça para os caçadores.

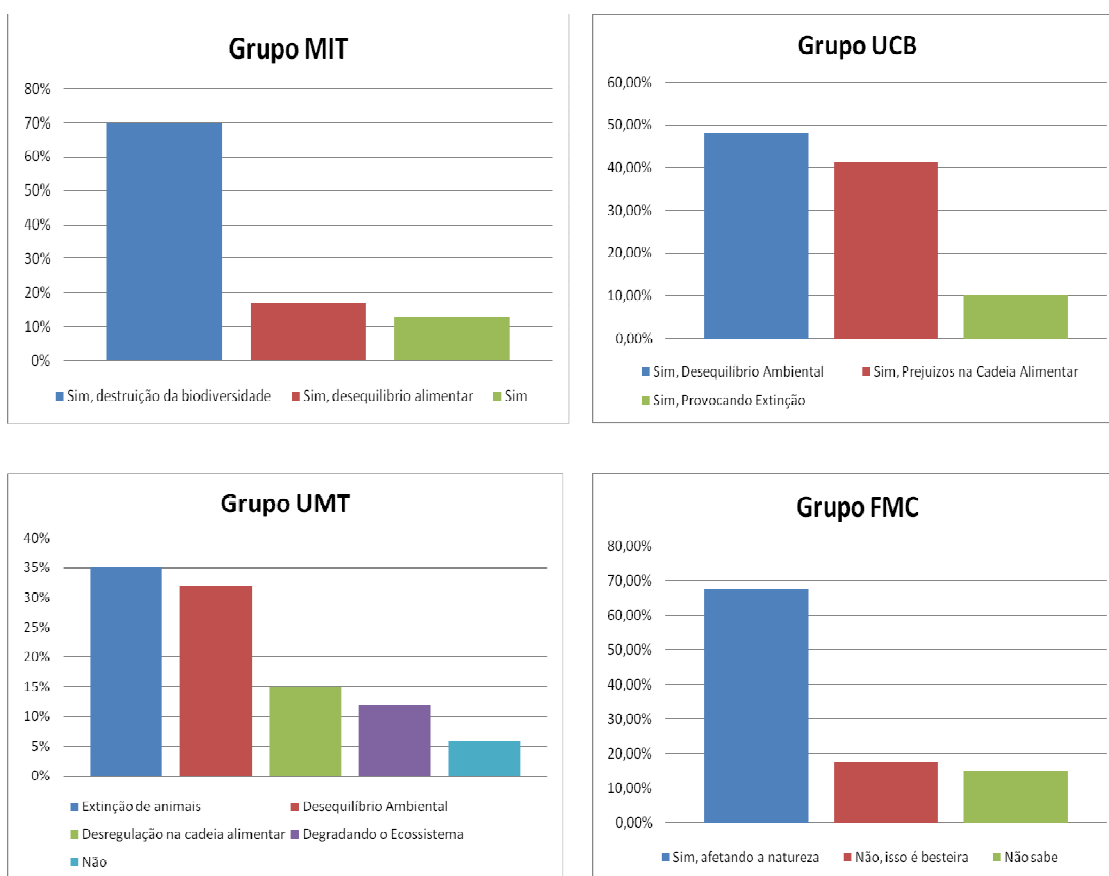
Quando se questionou os danos ocasionados pela caça de animais silvestres ao meio ambiente, em todos os grupos (Ver gráficos 9, 10, 11 e 12) pode-se observar um conhecimento a cerca dos danos que essa pratica pode trazer, nesse sentido um dos principais desafios é o desenvolvimento de uma nova economia ecológica, na qual o valor das espécies, comunidades e ecossistemas possa ser quantificado monetariamente, a fim de compará-lo com os ganhos decorrentes de projetos industriais e outros projetos que possam danificá-los (TOWNSEND et. al, 2010). Apesar que dentro do grupo FMC encontrou-se pessoas que consideram a questão ambiental:

“Uma besteira, pois acreditam que a caça vai sempre existir e que a natureza tem o poder de se renovar a cada dia”.

“Afeta não, isso é besteira do governo por quer agora tá o povo precisando e não pode”.

“O que Deus nos deixou não acaba a caça não acaba a lei é que tá em cima pegando em flagrante.

“Não afeta, faz parte do ciclo que Deus deixou”.



Gráficos 9, 10, 11 e 12 – Danos causados ao meio ambiente à caça de animais silvestres

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre essas diferentes visões que podemos detectar torna-se o grande desafio da biologia desenvolver estratégias que possam minimizar a taxa de extinção de espécies decorrentes da influencia humana, pois a biodiversidade representa um dos nossos maiores tesouros. Nesse sentido a necessidade de uma nova postura e atuação frente a esse crime ambiental origina-se, principalmente, no fato de precisarmos buscar uma alternativa eficiente que impacte diretamente na diminuição da demanda por parte da sociedade por esses animais silvestres.

Este estudo oferece subsídios para discussão entre os órgãos envolvidos no planejamento de ações fiscalizatórias e educativas para o combate ao tráfico de animais silvestres. Nesse caminho, ainda existem muitas respostas e perguntas a serem questionadas, mas acredito que esse trabalho possa contribuir para formar parte dessas respostas e reforçar o surgimento de novos questionamentos, ajudando a construir um país de verdade, onde o faz-de-conta perca espaço para ações corajosas e inovadoras na busca de soluções que a mantenham sempre no caminho da conservação da nossa rica biodiversidade.

4 REFERÊNCIAS

BASTOS, L.F.; LUZ, V.L.F.; REIS, I.J.; SOUZA, V.L..(2008). **Apreensão de espécimes da fauna silvestre em goiás – situação e destinação**. Rev. Biol. Neotrop. 5(2): 51-63.

BENNETT, E.L.; ROBINSON, J. G. **Hunting for sustainability**: the start of a synthesis. In: ROBINSON, John G. & BENNETT, Elizabeth L. (eds). Hunting for sustainability in Tropical Forests (Biology and Resource Series). Columbia University Press. New York, 1999

CAMPANHA NACIONAL DE PROTEÇÃO A FAUNA SILVESTRE, (2008). **Relatório semestral**. Disponível em <<http://www.ibama.gov.br>> acesso em 10/04/2010.

COSTA, L.P.; LEITE, Y.R.L.; MENDES S. L.; DITCHFIELD, A. D.. (2005). **Conservação de mamíferos no brasil**. Megadiversidade 1: 103-112.

FERREIRA, D.S.S.; CAMPOS, C.E.C.; SÁ-OLIVEIRA, J.C.; ARAÚJO, A.S. **Atividades de caça de animais silvestres no assentamento rural nova canaã, amapá, brasil**. Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, 23 a 28 de Setembro de 2007, Caxambu – MG.

FLORIANO, PREFEITURA DE. **Histórico**. Disponível em <<http://www.floriano.pi.gov.br>> acesso em 20/03/2010.

GIOVANINI, D. (2009). **Comércio da vida silvestre**: o ético e o ilegal. Jornal do Brasil / JB Online. Acesso em 10 de outubro de 2010 disponível em < <http://www.renctas.org.br> >

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVAVEIS – IBAMA. **Fauna silvestre**. Disponível em <<http://www.ibama.gov.br/fauna-silvestre>> acesso em 22/03/2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA- IBGE. **Mapas**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/mapas>> acesso em 20/03/2010.

IBAMA. **Portaria nº 118-n de 15 de outubro de 1997**. Disponível em < http://www.ibama.gov.br/fauna-silvestre/wp-content/files/port_118_97.pdf> Acessado em 11 de outubro de 2010.

IBAMA. **Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967**. Disponível em <<http://www.ief.rj.gov.br/legislacao/docs/5197.doc>> Acessado em 05 de outubro de 2010.

LUSTOSA, A.H.M.; CARDOSO, M.I.M.; MOURA-NETO, D..(2007). **Legislação ambiental: orientações básicas**. Teresina: IBAMA.

SANTOS, T. C.C.; CÂMARA, J.B. D. (Orgs.). GeoBrasil (2002). **Perspectivas do meio ambiente no brasil – o estado da biodiversidade**. Edições IBAMA, Brasília, DF, 447 p.

TOWNSEND, C.R.; BEGON, M.; HARPER, J.L.. (2010). **Fundamentos em ecologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.

VILLALOBOS, M. P. (2002) . **Efeito do fogo e da caça na abundância de mamíferos na reserva xavante do rio das mortes, mt, brasil**. Tese de Doutorado. Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de Brasília. Pós-Graduação em Biologia Animal. Brasília-DF.

PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E. (2001). **Biologia da conservação**. Londrina: Editora Planta.